

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil

Editores da Décima Sétima Edição

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Conselho Editorial

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Auxiliadora Fontana Baseio | Universidade de Santo Amaro, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria dos Prazeres Santos Mendes | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, Brasil.

Comissão Científica

Angela Balça | Universidade de Évora, Portugal

Diógenes Buenos Aires | Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Eliane Debus | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

José Jorge Letria | Associação dos Escritores Portugueses, Portugal

José Nicolau Gregorin Filho | Universidade de São Paulo, Brasil

Pedro Serra | Universidade de Salamanca, Espanha

Rosângela Sarteschi | Universidade de São Paulo, Brasil

Sérgio Paulo Guimarães Sousa | Universidade do Minho, Portugal

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil.

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, MG, Brasil.

Comissão de Publicação

Cristiano Camilo Lopes | Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Regina Célia Ruiz | Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas - FAM, Brasil

Preparação e Revisão da Décima Sétima Edição

Adriana Falcato Almeida Araldo | Universidade de São Paulo, Brasil

Bianca Leão Bertin | Universidade de São Paulo, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Joana Marques Ribeiro | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Projeto Gráfico

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Edição de Arte

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Criação do Logotipo

Silvana Mattievich

Ilustração da Capa

Eduardo Belga | <https://www.ebelga.com/>

Capa

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Tradutores

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Pareceristas da Décima Sétima Edição

Álvaro Luiz Hattner | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexander Meireles da Silva | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Andreya Susane Seiffert | Universidade de São Paulo, Brasil

André Cabral de Almeida Cardoso | Universidade Federal Fluminense, Brasil

Daniel Iturvides Dutra | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Duda Falcão | Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Ellen Maria Martins de Vasconcellos | Universidade de São Paulo, Brasil

Evanir Pavloski | Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Fátima Régis Oliveira | Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Aquino Sylvestre | Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Guilherme de Figueiredo Preger | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Igor Carastan Noboa | Centro Universitário Sumaré, Brasil

Karin Volobuef | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Luciane Bonace Lopes Fernandes | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Marcio Markendorf | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Marina Sena | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Nathalia Sorgon Scotuzzi | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | Universidade de São Paulo, Brasil

Nilfan Fernandes | Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Priscilla Pellegrino de Oliveira | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ramiro Girolto | Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Renan Rivero | Universidade do Porto, Portugal

Renata Philippov | Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Roberto Causo | Universidade de São Paulo, Brasil

Rodolfo Rorato Londero | Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Rogério Sáber | Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Sérgio Perassoli | Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas - FAM, Brasil

Stefano Stainle | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

SUMÁRIO

Editorial 8

Karin Volobuef, Maria Zilda da Cunha, Nathália Xavier Thomaz

Artigos

Olímpia e Faustine: A personagem feminina artificial em E. T. A. Hoffmann e Adolfo Bioy Casares.....17

Lucas Henrique da Silva

A duplicação em José Saramago33

Moema Najjar Diniz

A forma do porvir: Literatura vitoriana, a máquina, as classes ou sobre a ficção científica de H. G. Wells *en fin de siècle* e um estudo sobre *The time machine*51

Amanda Berchez

Ficção científica, criação teatral e primeira infância: percurso adaptativo do conto *Sonhos de Robô*78

Anna Cecília de Alencar Reis, Tatiana Pereira da Silva, Emerson Izidoro dos Santos e Luís Paulo de Carvalho Piassi

O filme *Na cidade vazia* - uma adaptação do livro *As aventuras de Ngunga: da utopia à distopia* de Pepetela105

Thiago Lauriti

Equipe de Ajuste, de Philip K. Dick: Do conto à adaptação no filme *Os Agentes Do Destino*134

Sandra Trabucco Valenzuela

O diálogo e a exposição em duas dunas.....165

Marvin Kenji Nakagawa e Silva

A presença do novum da ficção-científica
em *Kentukis*, de Samanta Schweblin.....187

Emmanuel Gonçalves Gomes

A trilogia *Comando Sul*, de Jeff VanderMeer:
Uma leitura no contexto do Antropoceno.....199

George Augusto do Amaral

Invernos nucleares virão:
Caos e ruína no eterno futuro da guerra fria 219

William F. S. Alves e Cido Rossi

Resenha

Movimento 78 ou sobre a derrocada do humano face à máquina 239

Amanda Berchez

Dimensões do inconsciente no conto
"Sonhos de Robô", de Isaac Asimov 248

Richard Lazarini

Ensaio

Ascensão e Ocaso no Universo Ficcional
Transmídia da *Aurora Pós-Humana*257

Edgar Silveira Franco (Ciberpajé)

EDITORIAL

Preâmbulo: da ciência à ficção

Como (quase) diz a canção, “É pau, é pedra, é o c o m e ç o do caminho [...] É a promessa de vida no teu coração”. Tomo essa liberdade com a composição de Tom Jobim para fazer lembrar aqui que a tecnologia do “pau e pedra” abriu caminho já na Era das Cavernas, quando - perseguidos pelas feras e incitados pela fome - nossos já criativos ancestrais conseguiram dominar o fogo e produzir suas primeiras ferramentas. E, como é mister lembrar, a monumental importância desse momento foi significativamente capturada na cena inicial de *2001 - Uma Odisseia no Espaço* (roteiro de S.Kubrik e A.Clarke, 1968).

E então, apesar de mais seguros e com a barriga cheia, aqueles ancestrais logo devem ter percebido que a morte “é o mistério profundo, é o queira ou não queira”. O aqui já estava pensando no acolá... Essa percepção do finito inevitável só é possível para quem tem imaginação e talvez já tenha surgido no momento em que um primata nasceu hominídeo. Escavações revelaram que, naqueles tempos primordiais, os Neandertais começaram a sepultar seus mortos... e a colocar-lhes na tumba suas ferramentas!

Provavelmente surgiram aí também nossas enigmáticas dúvidas sobre a morte. A consciência humana da própria vulnerabilidade - o medo da morte - instigou a busca por respostas sobre o mundo na tentativa de torná-lo menos ameaçador e para que nós nos sintamos menos frágeis. A **ciência**, pois, surgiu no bojo de nosso anseio por segurança, mas também de nossa fáustica sofreguidão por saber e entendimento.

Curiosidade, ousadia, inventividade, persistência - mas também as coincidências mais surpreendentes e o acaso imprevisível - foram destilando a ciência nas mais variadas partes do mundo, milênio após milênio. Os mais antigos registros astronômicos remontam à Babilônia, China, Egito e Assíria; o conceito de “zero” já existe entre os mesopotâmios e sumérios cerca de dez séculos antes da era cristã; e os primeiros vestígios de cirurgias cranianas (ou “trepanação”) datam do período Neolítico. Tais

práticas e conhecimentos nasciam de tentativas e erros e ainda viriam por muito tempo acompanhadas de preces e invocação de fórmulas mágicas.

Somente mais tarde – bem mais tarde! -, a ciência traduziria o saber sistematizado, consciente, racional. Em sua definição moderna, ela denota uma forma de compreensão da realidade fundada na percepção captada por nossos cinco sentidos, no experimento controlado e no discernimento lógico. Como tal, a linguagem científica é vertida pela clareza, pela coerência, pela objetividade. Paradoxalmente, isso não impede a Física Quântica de concluir que o gato de Schrödinger esteja morto e vivo ao mesmo tempo, e que ele passe a morto ou vivo no momento em que abriremos a caixa em que o gato foi preso (o que não surpreende leitores de Lewis Carroll ou Borges).

Das asas de cera (que Dédalo projetou para Ícaro) até o Airbus de nossos dias, a ciência trilhou muitos caminhos e descaminhos. E, junto com a inventividade prática também se trilhou a inventividade **poética**, como ainda confirma a canção: “É um pingo pingando, é uma conta, é um conto // É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando // É a luz da manhã, é o tijolo chegando”.

A poesia, não apenas a ciência, busca olhar e compreender a realidade (realidades!). E, como a ciência, ela não se contenta com respostas redutoras, com fac-símiles, com verdades inquestionáveis. Poesia e ciência não se assustam diante do desconhecido e não temem enfrentar dogmas. São tanto sonhadoras quanto precisas na sua própria formulação do novo e arrojado. Por isso mesmo, cientistas e poetas foram perseguidos ao longo da História por seu livre pensar e agir.

Basta abriremos as biografias de cientistas e pensadores como Abu Muhammad Rasis, Sócrates, Giordano Bruno, Miguel Serventus, Tycho Brahe, Johannes Kepler, Galileu, Antoine Lavoisier, Lev Landau, Lise Meitner, Einstein, Alan Turing, ou ainda de escritores e poetas como Thomas Malory, Daniel Defoe, Friedrich Schiller, E. T. A. Hoffmann, Camilo Castelo Branco, Georg Büchner, Dostoievsky, Graciliano Ramos, Alexander Soljenítsin, Ai Qing, Salman Rushdie, Liu Xiaobo, Dareen Tatour, Mohammed Al-Ajami...

As perseguições se deram no Ocidente e Oriente, pela Direita e pela Esquerda, já nos tempos de outrora e, lamentavelmente, até os dias atuais. “São as águas de março fechando o verão”...

Diferentemente da ciência, porém, a linguagem poética tem por objeto e fim a própria linguagem, a exploração do mundo por meio da sensibilidade subjetiva e volátil, sendo permeável às variantes de cada momento e às inflexões de cada timbre individual. Com isso, poesia e ciência parecem opostos. Mas a arte não se deixa arredar tão facilmente de desafios, pois ela vasculha todos os cantos e recantos para onde se voltam o intelecto, a sensibilidade e o espírito humanos. Afinal, como (quase) se disse no filme, “Estradas? Para onde a *p o e s i a* vai ela não necessita de estradas”¹.

Quando ciência e arte dialogam, as muitas narrativas da ficção científica começam... Esse diálogo dá-se de muitas maneiras. E envolve a colaboração, de um lado, de diferentes formas artísticas e de pensamento humano, de outro, das ciências em toda a sua pluralidade - não somente as chamadas “duras” como também as Humanas.

Mary Shelley invocou o mítico titã Prometeu com seu *Frankenstein* (1818); Isaac Asimov amparou-se na Roma de Edward Gibbon para arquitetar sua trilogia *Fundação* (iniciada em 1942); Dan Simmons reaproveita dos *Contos da Cantuária* (Chaucer) e do *Decamerão* (Boccaccio) na estrutura de seu *Hyperion* (1989); Ted Chiang, em *A história de sua vida* (1999), explora o contato com alienígenas pela via da concepção de Sapir-Whorf (ou seja, de que a linguagem molda concretamente a forma de se pensar), retomando ainda conceitos de Saussure, Derrida, etc..

No encontro, na simbiose e no diálogo entre ciência e poesia/arte está a ficção científica - que muitos também chamam de ficção especulativa. Trata-se de uma forma de narrativa surgida muito recentemente - no cenário oitocentista preparado pelo gótico e compartilhado pelo fantástico e conto policial. Hoje disseminada por muitos gêneros e mídias, a ficção científica vem experimentando muitas formas e possibilidades, caracterizando-se como uma vertente amplamente porosa e flexível, capaz de assumir vozes diferenciadas e tratar de ideias inquietantes.

Enquanto manifestação cultural de ampla penetração junto ao público nos dias atuais, a ficção científica ainda tem espaços a ocupar no âmbito acadêmico. Escritores e leitores, assim, em vários sentidos exploram novos terrenos como corajosos desbravadores.

1 “Estradas? Para onde nós estamos indo não precisamos de estradas” (diz Doc Brown para Marty Mcfly em *De volta para o futuro 2* (1989, dir. de Robert Zemeckis).

Lembro aqui, não por acaso, do *Brave New Words: The Oxford Dictionary for Science Fiction* (editado por Jeff Prucher em 2006). O título – que eu traduziria como “Corajosas palavras novas: Dicionário Oxford de Ficção Científica” – remete ao *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, que, literalmente, seria um “ousado mundo novo”. Assim, o dicionário empunhou como emblema justamente o caráter novo e audacioso do vocabulário literário instaurado pela ficção científica. Trata-se de um pioneirismo de linguagem e formatação estética que merece, pois, nossa atenção especializada e análise crítica.

E é isso justamente que o presente número da LiterArtes proporciona: um rol de trabalhos dedicados à leitura atenta e reflexão ponderada de ficção científica.

Os textos da presente edição

Os artigos enfeixados no presente número da LiterArtes demonstram a ampla tessitura da ficção científica enquanto forma artística que está sempre atenta às questões que desafiam, afligem e/ou impulsionam e enriquecem o ser humano. Abarcando aspectos teóricos e estéticos, sócio-políticos e culturais, didáticos e filosóficos, os artigos transitam pelos temas e questões formais que autores e obras de ficção científica têm colocado em pauta em diversas partes do mundo desde a primeira metade do século XIX.

Em debate estão as muitas faces da ficção científica, que sempre tem em vista a discussão e crítica da respectiva realidade presente, por mais que projete mundos futuristas, criaturas alienígenas ou tecnologias muito além do patamar científico já alcançado. Os artigos corroboram que, antes de mais nada, a ficção científica é uma manifestação cultural artística preocupada com o ser Humano e com sua relação consigo mesmo e com seu entorno.

Em “Olímpia e Faustine - A personagem feminina artificial em E. T. A. Hoffmann e Adolfo Bioy Casares”, Lucas Henrique Silva aborda um tema caro à ficção científica desde os seus primórdios: a criatura humanoide, indiscernível à primeira vista das pessoas comuns. Ele ressalta em seu artigo como o autor argentino atualiza, em meados do séc. 20, o tema do “autômato”, em voga no Romantismo. Contrapondo

a boneca Olímpia, de “O homem da areia”, e a projeção em 3-D de Faustine, personagem de *A invenção de Morel*, o debate é permeado por aspectos que acompanham a trajetória da ficção científica desde *Frankenstein* (M. Shelley) até os robôs, replicantes, sintéticos, terminators e outras criaturas, que trazem em seu bojo a questão de nossa natureza humana em contraposição à maquinização do Homem. Fabricadas, clonadas ou mutantes, as criaturas artificiais funcionam tanto como algozes quanto como vítimas dos humanos, e nos assombram com sua aparente perfeição e mistério, que põem a descoberto nossas lacunas éticas e nossa mortalidade.

Outro tópico corrente no Romantismo, o duplo, é tratado no artigo “A duplicação em José Saramago”. Mergulhando na tessitura de José Saramago, Moema Najjar Diniz investiga o tema da cópia, da duplicação, da reprodução em tela 2-D do humano. Em discussão está o vazio do mundo moderno – circunscrito pela corrida do consumo, pela aceleração gerada pela tecnologia e a falta de valores carregados de sentido - e o conseqüente esvaziamento do indivíduo, transformado em fantasma de si mesmo na tela cinematográfica. O artigo salienta, assim, o progressivo estranhamento do Homem perante si mesmo, irreconhecível e duplicável numa sociedade baseada na produtividade incessante e no materialismo que instrumentalizam o ser humano, roubando-lhe a identidade e a própria humanidade.

O artigo de Amanda Naves Berchez (“A forma do porvir: Literatura vitoriana, a máquina, as classes ou sobre a ficção científica de H. G. Wells *en fin de siècle* e um estudo sobre ‘The Time Machine’”) realça a aguda crítica que H. G. Wells dirige em *A máquina do tempo* a seus conterrâneos. Wells prevê que as práticas e condições vigentes na maquinizada Inglaterra vitoriana tem em si o gérmen para um futuro sinistro e distópico. Amparado em teorias científicas correntes em seu tempo, Wells atrela evolução (Darwin) e sociologia na configuração das duas espécies, morlocks e elois, herdeiras de nossa civilização e verdadeiros ícones da barbárie subjacente à desigualdade social.

Anna Cecília de Alencar-Reis, em “Ficção científica, criação teatral e primeira infância -Percurso adaptativo do conto ‘Sonhos de Robô’”, alinhava o potencial lúdico-pedagógico de se adaptar para o teatro, como peça infantil, o texto “Sonhos de robô”, de Isaac Asimov. O artigo tem em vista o desenvolvimento, na criança, do gosto pela

literatura, bem como o desenvolvimento de visão crítica perante ciência e avanços tecnológicos. Anna Cecília debate o potencial da ficção científica de colaborar em sala de aula no ensino de ciências.

Muito recorrente na atualidade é o diálogo entre literatura e cinema, concretizado por meio de uma simbiose extremamente diversificada. Nessa linha, Thiago Lauriti (“O filme ‘Na cidade vazia’ – uma adaptação do livro ‘As aventuras de Ngunga’: da utopia à distopia de Pepetela”) e Sandra Trabucco Valenzuela (“‘Equipe de ajuste’, De Philip K. Dick: do conto à adaptação no filme ‘Os agentes do destino’”) investigam a migração entre diferentes linguagens estéticas, à qual foram submetidas obras de Pepetela e P. K. Dick na passagem para as telas. Atentando para as nuances específicas de cada obra, os artigos refletem sobre tópicos filosóficos, políticos e sociais nessas obras em que as possibilidades de representação do real são revistas e questionadas. Nos dois artigos a visão do mundo como distopia nasce do profundo senso crítico de autores e cineastas, que atentam para os paradoxos da tecnocracia e sua ameaça para os valores e direitos humanos.

Também o artigo “O diálogo e a exposição em duas dunas”, de Marvin Kenji Nakagawa e Silva, trata da intersecção de literatura e cinema. O texto contrapõe em detalhes as duas versões cinematográficas de “Duna” em paralelo com a obra publicada em 1965 por Frank Herbert – volume inicial de uma história que acabaria por ocupar uma longa série de livros acerca da colônia humana assentada no planeta Duna. Foco da discussão do artigo são as diferentes possibilidades e opções exploradas em cada versão e que foram base para as contundentes críticas recebidas pelo filme lançado em 1984 por David Lynch, e que, bem recentemente, em 2021, tornaram aclamada a película dirigida por Denis Villeneuve. O artigo pondera tanto as características das obras fílmicas apresentadas ao público, quanto aspectos dos bastidores de produção, que redundaram muitas vezes em decisões contrárias às intenções e projetos iniciais de diretores e roteiristas.

Com acentuado teor teórico, o artigo “A Presença do novum da ficção-científica em Kentukis, de Samanta Schweblin”, de Emmanuel Gonçalves Gomes, coloca sob sua lupa o conceito de “novum”, central na proposição do pesquisador iugoslavo Darko Suvin em seu basilar “Metamorfozes da ficção científica”, de 1977. O conceito

de “novum” é discutido e balizado a partir do livro argentino *Kentukis*, de Samanta Schweblin, provocante em sua perspectiva ao mesmo tempo leve e alarmante da tecnologia fornecendo meios de burlar os limites da privacidade, do anonimato, e essa intromissão incógnita permitir esvaziamento de responsabilidades.

Igualmente pontuado pela perspectiva teórica, George Augusto do Amaral nos traz “Ecologia, estranhamento e metaficção na trilogia ‘Comando Sul’, de Jeff VanderMeer: Uma leitura no contexto do Antropoceno”. George Amaral coloca em discussão uma obra filiada ao Weird e grotesco, em que alterações do ecossistema alteram a capacidade humana de ter parâmetros de discernimento entre o comum e o estranho. Mais do que uma discussão de alterações físicas – ocasionadas por um organismo alienígena -, a obra de VanderMeer e o artigo a ele dedicado enfrentam o embotamento de valores perceptível na sociedade de nossos dias, rendida ao poder e influência das grandes empresas e aglomerados econômicos.

Já a guerra – com seu poder de controlar ideias e gerar nefasta destruição física e mental – é discutida no artigo “Invernos nucleares virão Caos e ruína no eterno futuro da guerra fria”, em que William F.S. Alves e Cido Rossi refletem sobre o conto “Chuvvas Suaves Virão”, escrito por Ray Bradbury e mais tarde incluído como capítulo no livro *As Crônicas Marcianas*. De forma metafórica e sutil, Bradbury cria um texto sobre a colonização de Marte, que reflete a preocupação do autor com o caráter bélico dos governos, a propaganda de manipulação da opinião pública e os avanços científicos em plena Guerra Fria. O artigo analisa os recursos poéticos empregados por Bradbury, em especial a antropomorfização de objetos, para defender o valor da vida e da liberdade contra interesses e ambições que escamoteiam essas aspirações.

O ensaio “Ascensão e Ocaso no Universo Ficcional Transmídia da Aurora Pós-Humana” presenteia a revista com uma visão privilegiada: Edgar Franco – ou Cyberpagé – discorre sobre seu trabalho enquanto autor de ficção científica em quadrinhos. Na qualidade de artista, mas também de professor e pesquisador, Edgar Franco revela propostas, concepções e opções que norteiam sua produção em diversos meios e mídias. Trata-se de uma discussão que ventila um pouco dos casos e acasos que envolvem a produção literária e artística contemporânea de um autor brasileiro.

Por fim, nossa edição também conta com duas resenhas sobre importantes

obras da ficção científica, com o intuito de lançar olhares tanto para o passado clássico quanto para o presente promissor do gênero.

Em “Dimensões do inconsciente no conto ‘Sonhos de Robô’ de Isaac Asimov”, Richard Lazarini tece uma profunda reflexão sobre o conto sobre um autômato que afirma sonhar, que também foi alvo de investigação do artigo da pesquisadora Anna Cecília de Alencar-Reis nesta mesma edição. Ao longo do texto, Lazarini apoia-se na teoria freudiana para trazer uma nova perspectiva sobre o texto, que convida à reflexão e ao aprofundamento na leitura do texto de Asimov.

A segunda resenha, escrita por Amanda Berchez, “Movimento 78 ou sobre a derrocada do humano face à máquina”, apresenta o recente livro de Flávio Izhaki publicado em 2022. A obra aborda a tensa relação entre os seres humanos e a tecnologia ao nos apresentar uma sociedade profundamente dependente da Inteligência Artificial, a ponto de ter um avatar concorrendo à presidência. O texto de Berchez é um belo chamado à trama e explora as conexões da obra dentro do gênero da ficção científica.

O livro de Izhaki dialoga diretamente com a discussão que buscamos suscitar com nossa escolha para a ilustração de capa. A imagem foi gerada por Renan Rivero e Danilo Telles utilizando o Midjourney, um sistema de inteligência artificial que cria imagens a partir de descrições textuais feitas pelo usuário. A qualidade da imagem e da composição impressiona e, ao mesmo tempo, provoca inúmeras discussões: existe arte sem um artista para criá-la? A quem a imagem gerada pertence? De que forma são abastecidos os bancos de dados destas I.A.s? Qual a linha que separa a criatividade digital da assimilação da propriedade intelectual de outros? Se confiarmos à tecnologia até mesmo a mais humana das criações, o que nos restará no futuro?

Que a leitura dessas páginas traga essas e outras reflexões!

Karin Volobuef

Maria Zilda da Cunha

Nathalia Xavier Thomaz
